Já Basta!

Ano II, nº 10, 12 de Abril de 2013. Organizado pela juventude do Práxis e independentes.

Dicotomia entre luta contra a repressão e luta pela democratização “enfraquece” o movimento

A situação atual exige a construção de uma proposta de mobilização sensível ao conjunto dos estudantes, e que unifique todas as demandas da universidade no sentido de superar a apatia política e fragmentação do movimento estudantil que se estabeleceu no último período, por meio de um **plano de lutas** que possa mobilizar massivamente tod@s a lutar contra contra a criminalização da luta e o projeto de universidade que a reitoria tenta impor.

A primeira assembléia geral dos estudantes do ano - realizada no dia 14 de Março - contou com uma participação significativa de estudantes. Isso demonstra que há indignação em relação a situação da universidade e que essa indignação pode se transformar em mobilização.

Para nós, em avançar na mobilização, é necessário superar a política das organizaçes politicas que dirigem o Diretório Acadêmico (DCE). Na última assembléia, os estudantes se depararam novamente com o sectarismo-oportunista desses setores. Sectarismo, porque defenderam e ganharam por estreita margem de votos na assembléia, que o único tema que comporá o eixo de mobilização para o próximo período é o da luta contra o PIMESP. Isso, enquanto infelizmente, dezenas de estudantes e trabalhadores ativistas seguem sendo criminalizados dentro e fora da universidade.

O tema da repressão no primeiro semestre é central: se expressa na luta contra a denùncia do Ministério Público contra os 72 ativistas presos na ocupação da reitoria em 2011, a luta contra as sanções administrativas desses mesmos ativistas, os processo contra os estudantes presos na reintegração da Moradia Retomada que lutavam por acesso e permanência estudantil e, agora, um novo processo administrativo contra os estudantes que pretensamente participaram de um “catracaço” no bandejão central durante um ato, além de termos que traçar uma estratégia de luta contra eleição para reitor que pode até significar a reeleição de Rodas. Nesta atual conjuntura, é mais do que necessário, não de cima para baixo como quer a atual gestão do DCE e seus seguidistas, mas, pela base conjuntamente com os estudantes, construir um eixo ou eixos de mobilização para o primeiro semestre. Que dê conta das questões mais candentes para os estudantes, tais como a repressão, democracia e o PIMESP.



Quando se fala em “eixo de mobilização”, temos que nos ater que é necessário que o movimento responda mais de um tema, no sentido que há vários ataques em vigor. Trata-se, portanto, de articular as questões prioritárias da luta em um determinado momento para avançar para outras.



Ao separar a luta pela democratização da universidade (que de nossa parte, acreditamos que passa pela luta contra o PIMESP e por uma política de cotas articulada com uma campanha pelo fim do vestibular) da luta contra a repressão, a direção do DCE age de maneira sectária, pois desconsidera uma das necessidades centrais do movimento estudantil, que é defender seus lutadores.

Mas também, encontramos outra forma de sectarismo em outros setores (PCO, POR e algumas congêneres anarquistas) que como nós, fazem oposição à atual direção do DCE. Destes setores, trata-se de um sectarismo ultraesquerdista que não leva em consideração que a democratização da universidade também é parte fundamental da luta nesse momento, e que a luta somente contra os processos não responde por completo a questão da estrutura de poder da universidade. Nessa forma de sectarismo, se desconsidera que a luta contra o PIMESP ou pela democratização radical da estrutura de poder, além de serem necessidades fundamentais, são um fator importante de mobilização dos estudantes.

Em nossa visão estas duas concepões de movimento (sectarismo e ultraesquerdismo) não contribuiem, e cada uma, a seu nível criam uma dicotomia e impedem o esclarecimento real dos estudantes e, por fim, a própria mobilização. Se queremos construir uma mobilização massiva, nenhuma dessas políticas servem.



Qual projeto democratização para a USP?

Na última assembléia, fizemos uma defesa veementemente contra a proposta da atual direção do DCE, de incluir na pauta do movimento, no primeiro semestre, a campanha pela eleição direta para reitor sem antes discutir o tema com os estudantes que ingressam na universidade. O DCE perdeu a proposta. Agora, precisamos avançar no debate sobre uma real democratização da universidade, que diverge inteiramente da proposta desse setor.

Nossa proposta vai contra qualquer política sectária, ultraesquerdista ou oportunista. Ao contrário da proposta oportunista da direção do DCE, que defende um arremedo de democracia com uma proposta de eleição direta paritária (nessa proposta se constrói um mecanismo onde o voto de um professor vale muito mais do que o voto de um estudante), defendemos uma eleição direta onde cada um (professor, estudante ou funcionário) tenha o mesmo peso e que todos os cargos de chefia da universidade sejam compostos através da eleição direta nos mesmos moldes, sem filtros, listas tríplices ou indicação burocrática, em que tod@s possam votar e serem votados igualitáriamente, além de, todos os cargos serem revogáveis.

Sobre esse a estrutura de poder, também não temos acordo com aqueles que apresentam como alternativa propostas únicas, por exemplo, uma Estatuinte (Ler-qi) como alternativa. Na verdade, essas não são propostas programáticas para a questão da democratização, mas uma proposta metodológica, ou seja, de instâncias democráticas para a mudança da estrutura de poder, sobre a qual temos acordo em relação à necessidade da sua realização, pois ao depender da atual estrutura do Conselho Universitário ou Congregações nada vai mudar, mas pensamos que é necessário pensar para além da realização de uma Estatuinte.

A atual direção do DCE vai tentar de todos os meios impor a sua política rebaixada de democratização nas próximas assembleias. Por isso, chamamos os estudantes a discutir! Defendemos que seja realizado um amplo debate através de palestras, debates, assembléias com todos os estudantes (calouros e veteranos) antes de tomar qualquer posicionamento político sobre esse tema.





Construir a luta unitária contra a repressão

Várias congregações e departamentos estão se posicionado contra o PIMESP. A congregação da FFLCH, por exemplo, considera que o PIMESP não é uma política de inclusão, mas não dizem e nem querem discutir qual seria. Temos que ficar atentos às manobras que podem vir por parte da burocracia e de seus fóruns.

Primeiro, porque muitos de seus membros são contrários a qualquer forma de democratização do acesso à universidade. Por isso, são contra mesmo ao engodo do PIMESP. Em segundo lugar, temos que ficar atentos, porque ao primeiro vacilo do movimento, essa proposta pode ser aprovada contra a vontade da maioria da comunidade universitária.

Levando em consideração á necessidade lutar contra a repressão e o PIMESP de forma massiva, temos que construir a unidade entre estudantes, funcionários, professores, estudantes que ainda não estão dentro da universidade, e cursinhos populares que travam uma luta histórica pelo acesso e democratização da educação. A forma prática dessa unidade seria a construção de um forte ato unitário em frente a reitoria no final de abril. **Construa conosco tal proposta para próxima assembleia geral!**

A juventude Já Basta! tem lutado na USP por:

Suspensão da denuncia do MP e de todos processos administrativos!
Revogação das demissões, expulsões e punições!

Não ao PIMESP! Cota de 80% estudantes da escola pública e negros! Fim do vestibular

Eleição direta (um voto por cabeça) para reitor, Conselho Universitário e Departamentos!

Fora Rodas! Fora PM!

ENTRE EM CONTATO E PARTICIPE DAS REUNIÕES DO JÁ BASTA!

jabastabr@hotmail.com
www.facebook.com/ja.basta.52